

## RESUMO

### ***Hiv/Aids: A Sombra e a Fronteira entre Discriminação e Acolhimento.***

No início dos anos oitenta os primeiros casos de Aids – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - apareceram nos Estados Unidos e depois se espalharam pelo mundo. Até os dias atuais, o tratamento evoluiu muito e grande parte dos soropositivos já consegue viver sem apresentar sintomas físicos. Para além da questão orgânica, no entanto, existe outro tipo de sofrimento, denominado de “morte social”. Corresponde à segregação sofrida pelo portador do vírus hiv, em função do comportamento discriminador de grande parte da sociedade. Ainda que equivocadamente, a aids permanece, imaginariamente, relacionada a uma sexualidade “marginal” (orientação sexual que se encontra à margem da heteronormatividade, como por exemplo a homossexualidade e a transexualidade), e ao tema da morte, questões que “dormitam” na sombra coletiva e individual. Desta forma, constituem conteúdos de complexos constelados, podendo vir a gerar reações irracionais.

Para a psicologia analítica a sombra é um arquétipo, dotado de complexo com grande energia e iniciativa própria que modifica “nossas intenções conscientes de maneira bastante perturbadora” (Jung, 2008). Quando o indivíduo lida com temas delicados como morte e sexualidade, a sombra tende a dominar a consciência com força, impelindo o ego a projetar no outro aquilo que nega em si mesmo. Além de funcionar como mecanismo de defesa, a projeção pode provocar aumento da autoestima, pois se é o outro que está relacionado a um atributo negativo, o eu, que não está, sente-se mais poderoso do que aquele. Nestes casos, podemos pensar na sombra como fonte de discriminações, porquanto ainda não elaborada e integrada à personalidade. Segundo Jung (1980), “...os arquétipos quase

sempre se apresentam em forma de projeções (...) e que essa é a origem dos mitos modernos, em outras palavras, dos boatos fantásticos, das mil e uma desconfianças e preconceitos.”

A discriminação em relação às pessoas que vivem com hiv/aids se traduz em prejuízo não só a quem é objeto da mesma, mas também a seu autor. A satisfação imaginária em afastar o confronto com temas delicados cobra o seu preço, e o indivíduo discriminador pode passar a evitar, em relação a esta infecção em particular, comportamentos de prevenção, exames rotineiros, a possível descoberta da soropositividade e por consequência a necessidade vital da ingestão do coquetel medicamentoso. Neste sentido várias campanhas mundiais de informação, que desmistifiquem crenças arraigadas a respeito do hiv, vêm sendo feitas. Grupos de militantes e organizações como a UNAIDS, que é a agência da ONU relacionada à aids, realizam projetos, como por exemplo o “zero discriminação”, voltados para a consciência da necessidade de integração dos soropositivos à sociedade. Estudos mostram que a qualidade de vida destas pessoas está diretamente relacionada a alguns fatores, e um dos que sobressaem é o acolhimento por parte do seu grupo social.

A fronteira entre discriminação e acolhimento pode e deve ser ultrapassada dependendo, para tanto, de um trabalho psicológico com a consciência e o inconsciente, a serviço do processo de individuação. Se em relação a esta infecção, crenças distorcidas forem reparadas e/ou os conteúdos sombrios que aterrorizam e manipulam os seres humanos forem elaborados e integrados à consciência, provavelmente conseguiremos uma vivência e convivência de acolhimento em relação a este importante tema.

Nilton Casaes: [niltoncasaes@yahoo.com.br](mailto:niltoncasaes@yahoo.com.br)

Psicólogo (UFBA) CRP – 03/1744; Mestrado em Psicologia (UFBA), Graduado em Direito (UFBA), Psicólogo concursado pela Secretaria Municipal de Saúde de Salvador desde 1996, onde, desde então, realiza

atendimentos a Pessoas que vivem com HIV/AIDS, e Psicoterapeuta em consultório particular.